

## **“TOMARA QUE O PROFESSOR FALTE!”: O ORKUT E A VIDA ESCOLAR <sup>1</sup>**

BERGMANN, Leila Mury – UFRGS

GT: Educação e Comunicação

Agência Financiadora: CNPq

### *Preâmbulos*

Este trabalho pretende contribuir para os estudos relacionados a um tipo de mídia eletrônica, o Orkut - rede social construída virtualmente com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos -, particularmente as suas Comunidades<sup>2</sup> que mostram de forma “negativa” os professores e a escola de maneira geral. O trabalho aponta para uma ampliação das funções formadoras da mídia, aqui representada pelo acima referido *site* de relacionamentos que permite ao internauta ter sempre – a um clique do *mouse* – uma enorme lista de amigos, Comunidades e informações que o usuário coloca em sua ficha pessoal, de acesso público.

A priori, concordo com a afirmação de que a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados. Importa esclarecer que o termo *discurso* está sendo trabalhado aqui numa concepção foucaultiana, na qual o filósofo francês, Michael Foucault, argumenta que o discurso não pode ser resumir ao mero ato de fala ou mesmo ao ato enunciativo (o conceito de enunciação para Foucault, sim, estaria mais próximo a essa idéia). O(s) discurso(s) para Foucault não está (estão) localizado(s) num campo de exterioridade em relação aos objetos que, supostamente, eles descreveriam. Antes disso, os discursos se constituem como “práticas que formam sistematicamente [ou não] os objetos dos quais falam” (Foucault, 2000, p. 56).

---

<sup>1</sup> Estas reflexões situam-se no âmbito da Pesquisa de Pós-Doutorado Júnior, junto ao grupo de pesquisa XXX, da Universidade XXX, com o apoio do CNPq, sob a supervisão de XXX.

<sup>2</sup> Além de estabelecer a ligação de um usuário a outro, o Orkut permite a construção de Comunidades cujas temáticas são as mais diversas: Vão desde aquelas que privilegiam a discussão sobre um autor, um escritor, um pintor, passando por aquelas sobre times de futebol, grupos musicais, escolas, até as que contemplam ou compartilham preferências e hobbies, como “Amo Chocolate”, “Eu odeio acordar cedo”, entre milhares de outras.

Desta maneira, observando a abrangência desta “febre do Orkut”<sup>3</sup>, cresce o interesse, especialmente de pesquisadores da área da Educação e da Comunicação, por tentar compreender o que faz com que os alunos criem Comunidades do tipo “Mate aula antes que ela te mate!”<sup>4</sup> (com 165. 220 membros) e lá escrevam de um modo agressivo seu repúdio à escola em geral. Antes de prosseguir esta introdução, faz-se necessário pontuar algo fundamental sobre a materialidade dos enunciados que estão sendo pesquisados no Orkut, pois conforme nos lembra Fischer (1996, p. 123), ao analisarmos textos da mídia (particularmente os *scraps*<sup>5</sup> no Orkut), devemos ter claro que estamos lidando, primeiramente, com um campo ainda novo, cuja característica fundamental é de não se constituírem como materiais produzidos com fins restritos. Antes disso, trata-se de textos que pretendem atingir o maior número possível de pessoas. Segundo a autora, é justamente esse mesmo seu objetivo: “fazer circular amplamente discursos cuja origem também é difusa, múltipla e às vezes de difícil localização”. Já na epígrafe do livro *Sociedade Midiatizada*, organizado por Moraes (2006, p. 5), Ryszard Kapuscinski escreve um “alerta” a esse respeito, afirmando que hoje estamos vivenciando duas histórias distintas; a saber: “A de verdade e a criada pelos meios de comunicação. O paradoxo, o drama e o perigo estão no fato de que conhecemos cada vez mais a história criada pelos meios de comunicação e não a de verdade”.

Ainda assim, mais importante do que o questionamento da “veracidade” dos textos, das informações ou mesmo das características dos usuários do Orkut (se é homem, mulher ou se é alguém “inventado” por algum membro que também “navega” no *site*), é justamente entendê-las como o *efeito* de um conjunto de práticas que, já há algum tempo,

---

<sup>3</sup> Reportagem de Valentina Marques da Rosa, intitulada “A febre do Orkut”. Zero Hora, 23/12/2006.

<sup>4</sup> Criada em 4 de novembro de 2004. Fonte: <http://www.orkut.com.br>. (Acesso em 12/03/2007).

<sup>5</sup> Scraps são as mensagens ou recados deixados seja em um perfil individual, seja nos tópicos de discussão das Comunidades. No caso dos perfis individuais, podemos dizer que cada perfil de usuário conta com uma página de comentários individual como uma forma de interação entre os usuários.. Cabe aos usuários, destinatário ou autor dos scraps, a sua eliminação ou manutenção. Muitos os eliminam para manter a privacidade. Outros os mantêm como “índice de popularidade” – uma vez que o número de scraps que um usuário tem em seu perfil, indica o volume de recados deixados pela rede de amigos criada. Outra evidência de “popularidade” é a coleção de perfis lotados (com 1000 ou mais “amigos”). É importante lembrar que todos esses números e recados são públicos: qualquer pessoa,

tencionam profundamente os domínios tanto da escola como o das novas tecnologias. Nesse sentido - e daí a importância de nos determos nesse tipo de material - é que a força e a “verdade” contidas nos meios de comunicação são ampliadas “de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar” (Fischer, 1996, p. 124). Mais:

Essa busca de mais “realidade” através do virtual convive com as experiências de pura simulação, através de máquinas que funcionam não mais como próteses de nossos olhos e ouvidos (como os equipamentos de vídeo e de som), mas como próteses de nossas mãos: o controle remoto, a magia do *mouse*, as telas táteis, os capacetes de visão – tudo o que Philippe Dubois chama de “dispositivo de frustração” –, contraditoriamente, buscam oferecer ao usuário um modo de “tocar a realidade”. (Fischer, 2006, p. 11)

Quando o Orkut surgiu, em 22 de janeiro de 2004, essa própria condição da mídia como produtora de verdades mereceu atenção especial e questionamentos a respeito do mito da “verdade verdadeira”, da “verdade das verdades”, pois uma das “exigências” para entrar no *site* diz respeito justamente à “veracidade” das informações que o usuário coloca em sua ficha pessoal, de acesso público<sup>6</sup>. Por mais que essa exigência sobre a veracidade das informações se faça, não há como ter certeza de que os usuários procedam dessa forma quando lançam seus perfis. Ocorre que a pessoa se sente “mais popular” e estabelece

---

desde que seja membro do Orkut, pode ver quantos amigos cada usuário possui, a integralidade e o conteúdo dos recados deixados (postados) na página de cada usuário.

<sup>6</sup> Conforme a reportagem da Folha de São Paulo “Orkut é o paraíso da enganação virtual”, publicada em 15/11/2006: “Segundo Eduardo Honorato, pesquisador do Centro Universitário Luterano de Manaus, 46% das pessoas acessam o site mais de uma vez por dia e, em grande parte dos casos, a quantidade de contatos virtuais é superior à de amigos reais. Baseado em um questionário respondido por 480 usuários, Honorato descobriu que 53% dos entrevistados disseram possuir uma lista com mais de cem pessoas no site de relacionamentos e que o número de amigos de verdade de 30% dos pesquisados não ultrapassava o de 20 colegas. Chamados “fakes” ou “bogus”, os perfis falsos podem servir como uma representação do que a pessoa gostaria de ser, se vivesse em um mundo sem regras. ‘Se alguém faz uma ofensa racista a uma pessoa dentro de um shopping, ela pode ser punida na mesma hora. Quando o racismo é difundido pela internet, há uma grande sensação de impunidade’, explica Honorato. As representações virtuais, porém, não têm vidas totalmente próprias”.

relações com desconhecidos, combinação que transforma o site em um paraíso para os mentirosos. Encarnar um personagem é um expediente bastante usado para esconder a identidade de usuários racistas e de “bisbilhoteiros” no Orkut <sup>7</sup>. Contudo, é justamente por entender essas falas – que se multiplicam a cada dia no Orkut (e em outros espaços) – como *efeitos* de discursos mais amplos, que este trabalho não terá como foco o questionamento acerca das informações (se “verdadeiras” ou não) contidas no perfil de cada um dos participantes. De toda forma, os dados coletados e as análises feitas oferecem um conjunto de problemas relevantes para melhor compreender as diversas concepções que tomam forma na interseção professor/Orkut/escola.

### *Considerações sobre a pesquisa*

Ao analisar as Comunidades criadas no Orkut sobre professores – especialmente aquelas que se dedicam a promover críticas, muitas vezes violentas, sobre sua figura -, abordo, muitas vezes, temas relacionados à expressão “a escola frente às novas tecnologias”. Assim, ao descrever de que maneira, nesse espaço virtual, os *scraps* presentes nessas Comunidades participam ativamente na construção das narrativas sobre professores e escola, estabeleço algumas relações a fim de ampliar as discussões entre as análises dos possíveis “motivos” dos registros dos alunos no Orkut sobre as representações da figura do professor e da escola.

A partir dessas questões levantadas, considerando a complexidade das mesmas, trago algumas reflexões na espera que elas possam contribuir para o campo da Educação e das *novas tecnologias*. Direciono o meu trabalho à luz dos *Estudos Culturais*, um campo de estudos que considera a cultura como central e constitutiva de/em todos os aspectos da vida social, procurando dar ênfase às análises que tomam a pedagogia como fenômeno cultural abrangente e complexo, que se concretiza tanto no âmbito das instituições e instâncias estritamente educativas quanto em outros territórios e artefatos do mundo

---

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20986.shtml>. Acesso em: 10/03/2007.

<sup>7</sup> Arrisco dizer aqui que acredito ainda que os sites de relacionamento sejam apenas potencializadores de traços já existentes na personalidade. A exemplo disso, alguns torcedores de futebol descarregam suas reclamações nas Comunidades de times rivais, outros fazem uso da rede para combinar o local para brigas após as partidas.

contemporâneo. Entre os objetos de estudo privilegiados estão: a escola, o currículo e a avaliação, bem como a *mídia*, a arte, a ciência e as novas tecnologias. Também se analisam, nesta vertente, as políticas culturais de *identidade*, os processos de *subjetivação*, os regimes de representação de diferentes grupos e as formas como artefato e práticas culturais que operam na concretização de suas pedagogias.

Ressalto ainda que a leitura por mim realizada sobre a teoria à disposição se fez, portanto, subordinada a todos os fatores pessoais que costumam influir na percepção que cada leitor faz da obra de um autor. Como sugere Fischer (1996, p. 58):

Aí estará nossa humilde originalidade, nosso exercício criativo, nossa contribuição à academia e, principalmente, à sociedade. Mais do que repetir autores, citá-los no original, mostrar desenvoltura na compreensão e exposição de seus achados teóricos, nossa tarefa principal, como pesquisadores, será mostrar que certos conceitos são produtivos, que nos deixamos sujeitar por tais e tais autores para inclusive questioná-los, para submeter suas concepções a um empírico que fervilha em novas possibilidades de compreensão. Esse manejo dos conceitos e, principalmente, dos dados, é extremamente produtivo.

Assim, ao debruçar-me sobre o tema escolhido neste trabalho que ora apresento, vejo como nada simples e, ao mesmo tempo, instigante, mergulhar nesta empreitada de pesquisar e estudar um assunto não ligado tão diretamente a minha formação em Letras, pois ao adentrar em outras *searas*, descobri novos autores em outros campos de saber (Comunicação, Filosofia, etc.). A vontade de escrever algo a respeito das representações dos professores e das escolas no Orkut e seu impacto sobre múltiplas facetas no que diz respeito à educação contemporânea surgiu quando tomei conhecimento de colegas (professores) que comentaram comigo sobre o assunto. Soube que vários professores estavam receosos até de entrar em sala de aula ao verificarem que os seus nomes estavam em Comunidades do tipo “Eu odeio o professor [...]”, criadas por alunos.

Conforme Giroux (1995), levar em consideração a prática da vida cotidiana não significa privilegiar o pragmático em oposição à teoria, mas sim, ver essa prática inspirada em considerações teóricas reflexivas e, ao mesmo tempo, transformadora da teoria. Neste sentido, entendo que “a teoria tem que ser *feita*, tem que se tornar uma forma de produção cultural; ela não é um mero armazém de *insights* extraídos dos livros dos ‘grandes teóricos’” (Idem, p. 97, grifos do autor).

Para Gómez (2006), inúmeras são as mudanças no plano educacional provocadas pelas mídias e pelas novas tecnologias. O autor nos lembra como, há alguns anos, o professor era o detentor do conhecimento, na medida em que ele (e o livro) representava o - por vezes inquestionável - saber. As crianças e os jovens iam para a escola para aprender. Hoje, porém, é possível observar uma subversão, digamos assim, das hierarquias tradicionais de ensino, já que os alunos “questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos, esvaziados de significado, diante da abundância representacional e policromática dos ecossistemas comunicativos”. (Idem, p. 96). Assim, além de enfrentar este novo desafio em sala de aula (de alunos, por vezes, com acesso a mais informações do que o próprio educador), o professor precisa também saber fazer uso das novas tecnologias.

A esse respeito, durante o *II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*, em setembro de 2006 (PUC- RJ), Santos (2003) apresentou sua Tese de Doutorado intitulada *A Internet na prática docente: novos desafios e conflitos para os educadores*. Em sua pesquisa, a autora (que realizou diversas entrevistas sobre esse tema com professores do ensino fundamental e médio) constatou o quanto a “introdução dessas novas tecnologias no ambiente escolar parecem ser uma fonte de conflitos pessoais, tensão e sofrimento para esses profissionais” (Idem, p. 5). Entre os novos desafios gerados pela difusão da Internet, Santos (Idem) cita o receio desses professores “em relação à estabilidade de seus empregos, com medo de serem substituídos ou excluídos do mercado de trabalho em educação – por máquinas ou por professores mais jovens que dominam sua operação.”

Penso que isso está ocorrendo pelo fato de a escola não estar conseguindo, em geral, “dar conta” e acompanhar a rapidez de tantas mudanças tecnológicas proporcionadas por novos saberes cada vez mais complexos. Como consequência, alguns professores terminam ora “relutando” em usar o computador ora vendo-o de uma forma negativa, como se ele estivesse, de certa maneira, “competindo” ou “concorrendo” com o ensino mais *tradicional*. Como escreve Fischer (2006, p.9):

Cada vez que uma nova tecnologia de comunicação surge, cada vez que uma nova máquina de imagens se impõe, ela chega como moda e novidade e parece colocar na sombra “máquinas” anteriores: em seqüência, é o que

aconteceu com o surgimento da fotografia, do cinema, da televisão, do vídeo, da imagem digital e da informática.”

Assim, frente a esta situação, as instituições educacionais - e o professor em particular – necessitam não apenas incorporar as novas tecnologias como conteúdos do ensino, mas também reconhecer e partir das concepções que os jovens têm sobre estas tecnologias para elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e os usos tecnológicos. É certo que esta não é uma questão fácil de resolver, pois na prática muitos alunos estão ainda numa fase da vida de deslumbramento e curiosidade. Eles não têm, em geral, organização e maturidade para se concentrar em um só tema durante uma hora. Então terminam abrindo mil páginas ao mesmo tempo, deixando-se naturalmente seduzir por certos temas musicais ou eróticos, conforme a sua idade. E esse conjunto de questões dificulta o trabalho com um tema específico.

A meu ver, a tecnologia pode ser útil para integrar tudo o que se observa no mundo, no dia-a-dia e para fazer disso objeto de reflexão. Pensemos nas próprias Comunidades criadas pelos alunos no Orkut falando mal dos professores. Interessa trazê-las à baila, fazer essa ponte, mostrando os conteúdos (os *scraps* postados por alunos) e devolvendo-os de novo ao cotidiano, à sala de aula, possibilitando, dessa forma, a interação e o debate entre alunos e professores.

Nas palavras de Silva (2001, p. 37):

Vale dizer que precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem contudo, submetê-la a tirania do efêmero.

*Orkut/Comunidades/Scraps – Retratos e Recortes da Vida Escolar*

Bauman (2003), ao abordar o tema “Comunidades”, relaciona as mesmas à palavra “segurança” referindo-se ao que as pessoas procuram nos dias de hoje. Em

recente artigo<sup>8</sup>, uma adolescente de 14 anos afirmou que “o Orkut é a pracinha de hoje em dia. Ao invés de irmos para as ruas, estamos todos plugados no Orkut”. Seguindo o pensamento da garota (que diz inclusive ter parado de fazer programas ao ar livre para ficar em casa), os jovens procuram o mundo virtual dos computadores para fugir da violência urbana. “Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na *comunidade*, podemos relaxar – estamos seguros”. (Bauman, p.7) [grifo meu]. Está claro que o autor não se refere especificamente às Comunidades existentes no Orkut. No entanto, estas últimas possuem a mesma conotação de ser *algo bom*, além de remeter à noção de pertencimento, de grupo identitário; enfim, de “marcas” que escolhemos, pois conforme Silveira (2006, p. 11), no Orkut:

Podemos pertencer a comunidades, sem jamais participarmos de qualquer conversa da mesma – a questão central é o que ela diz sobre nós aos outros que visitam nossa página, e o conjunto das comunidades a que pertencemos (praticamente sem limite de número – 10, 20, 30...) mapeia esta identidade virtual.

Existem milhares de Comunidades no Orkut. Neste trabalho, como já explicitado anteriormente, optei por uma breve análise daquelas que falam de um modo, digamos, pejorativo, sobre professores e escola. Como elas são muitas, estabeleci alguns critérios para a seleção

do *corpus*: Fizeram parte da escolha de materiais aquelas Comunidades que possuíam o maior número de membros e que sugerem futuras reflexões profícuas. A partir da escolha dessas Comunidades, selecionei tópicos de discussão que continham, no mínimo, mais de 10 participações – ou seja, que mostravam um número mais razoável de participação de seus membros. E, por fim, a seleção dos tópicos de discussão foi feita também com base no fato de oportunizarem debates que pudessem contribuir significativamente, enriquecendo o trabalho. Partindo desses critérios iniciais, ficou assim

---

<sup>8</sup> Refiro-me ao artigo “A febre do Orkut”, publicado em Zero Hora (Porto Alegre), sábado/23/12/2006.

definida uma amostra<sup>9</sup> - a título de ilustração - de apenas 1 (no quadro abaixo) do conjunto de Comunidades que foram, neste artigo, “visitadas”:

<b>Comunidade</b>	<b>Descrição</b>	<b>Membros</b>
<b>u durmo na aula...</b>	Para todos aqueles que encontram nas palavras do professor uma canção de ninar, capotam e, quando aprendem alguma coisa, foi por total osmose...	<b>433.324</b>
		<b>Criada em</b>
		<b>21 de maio de 2004</b>

Importa lembrar aqui o caráter provisório desta seleção – tendo em vista o fato de que novas Comunidades podem surgir (ou mesmo desaparecer) no decorrer da leitura deste trabalho, bem como os novos tópicos que vão sendo criados quase que diariamente. Até o presente momento, além das Comunidades já mencionadas, venho acompanhando as seguintes: “Galera do Fundão” (802.890 membros); “Eu não mato aula ela q me mata” (227.136 membros); “Odeio estudar... Adoro Escola” (279.886 membros); “Eu odeio professor frustrado” (8.321 membros); “Chega de aulas medíocres” (38.992 membros); “Assina a chamada pra mim” (140.195 membros); “Já COLEI na Prova” (225.612 membros); “Tenho q estudar. Mas to na NET!” (414.489 membros); “Tomara q o professor falte” (252.128 membros)<sup>10</sup> e “Odeio professora mal-comida” (81.629 membros)<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> A idéia aqui foi a de procurar fazer um quadro semelhante às Comunidades do Orkut. Optou-se por não copiar a página original da Comunidade, para preservar os nomes dos usuários. Os dados expostos foram retirados das Comunidades (sem correção dos erros de Português) e estão atualizados de acordo com a data de 26/02/2007.

<sup>10</sup> Há um tópico nessa Comunidade, intitulado “qual professor vc torce para faltar”? que obteve 718 scraps... A maioria dos tópicos não obtém muitas respostas, pois em geral aparecem apenas 1 ou 2 comentários. Assim, ao observar essa quantidade de scraps, percebe-se que o aluno “encontra no Orkut um meio capaz de romper com o acordo silenciosamente estabelecido com o mestre na sala de aula. Aqui, no espaço virtual, o

Para servir de ilustração a essas Comunidades, o criador seleciona ou a foto do professor ou alguma outra imagem que o “represente”. Na busca de ofender e ridicularizar a figura do docente, imagens de animais (burro, macaco), bruxas, caveiras ou até mesmo com algum desenho pornográfico parecem ser as preferidas. “O Orkut e suas respectivas comunidades virtuais é, atualmente, um dos principais ‘espaços’ utilizados pelos alunos para poder objetivar aquilo que verdadeiramente pensam em relação a seus mestres.” (Zuin, 2006, p. 2). Assim, é possível observar o quanto as “chamadas” para essas Comunidades, convidando os amigos a entrarem e a dela fazerem parte são, no mínimo, agressivas: “*Se você já perdeu a paciência com aquela professora ou professor que é mal-comido (ou não comido), e que parece que nasceu pra encher o saco, essa é a sua comunidade! Vamos nos ajudar, e juntos, ajudar esses professores carentes de sexo*”.

Existem Comunidades como “Quem não cola ã sai da escola”<sup>12</sup>, que possui 539.453 integrantes; ou seja, alunos que entram e participam, criando tópicos do tipo: “O que você mais odeia nas aulas da [...]?” ou “O que vocês costumam fazer na aula da [...]?”. As respostas escritas (os *scraps*) são, em geral, bastante desrespeitosas e ofensivas, incluindo palavrões, mensagens irônicas e depreciativas.

Conforme observa Jeffrey Weeks (*apud* Bauman, 2003, p. 91-92):

O mais forte sentido de comunidade costuma vir dos grupos (no caso aqui, dos alunos) que percebem as premissas de sua existência coletiva *ameaçadas* e por isso constroem uma comunidade de identidade que lhes dá uma sensação de resistência e poder.(...) O resultado é com freqüência um particularismo obsessivo como modo de enfrentar e/ou lidar com a contingência. [grifos meus].

Em outras palavras, essas “ameaças” estão representadas muitas vezes nas provas e avaliações que os professores realizam em sala de aula. De certa forma, a “sensação de

---

aluno se sente encorajado a confessar o quanto odeia os professores que se aproveitam da condição de “educador” e destilam sua soberba intelectual”

Fonte: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-1670--Int.pdf>.  
Acesso em: 8/3/2007.

<sup>11</sup> Estes dados são de 20/03/2007.

resistência e poder” dos alunos parece estar vinculada à Criação de uma Comunidade que possui tópicos com “dicas de cola” aos participantes...

Interessa também pontuar aqui o fato de que, às vezes, nessas Comunidades sobre escola – criadas, supõe-se, pelos alunos – aparece no meio dos *scraps* dos estudantes, um *scrap* de algum professor. Assim, se o leitor estiver acompanhando os registros e lendo as queixas dos alunos, “sente” um “corte” no texto. Por exemplo, na Comunidade “Chega de aulas medíocres”, há um tópico intitulado “Que matéria deveria sumir?”<sup>13</sup>, no qual aparecem diversas respostas de alunos criticando as matérias; inclusive há um *scrap* que diz: “*Todas, eu odeio estudar... nasci pra viver de herança...*”. De repente, em meio aos textos dos estudantes, lê-se: “*Legal essa comunidade!!! Adorei essa comunidade, sou professora, mas concordo que alguns professores são medíocres (sic) (espero q todos saibam o significado desta palavra). Só quero informar que tem gente boa por aí, vejam o exemplo da comunidade de professores de química, tem 514 membros, todos preocupados em dar uma educação legal!!! Pra quem não detonou a química, valeu!!! Pra quem detonou é pq não tiveram um (sic) bons professores! Abraços, Beth*”.

Em momentos como esse – que parece mais uma “invasão” da parte do professor, nota-se um certo “desconforto” e até mesmo um silenciamento, pois os alunos demoram um pouco para responder. Na maioria das vezes, os estudantes ignoram essa “enturmação” um tanto forçada do professor e partem para a escrita de novos tópicos, sem comentar o que o mestre, “intruso”, postou. Recorro às palavras de Bauman (2003, p.10) para refletir sobre esta postura dos alunos: “Você quer segurança? ...Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos...Você quer proteção? Não acolha estranhos”... (no caso, o professor que invadiu comunidade dos estudantes).

Ora, mas assim como há professores que aparecem tentando se defender das críticas, há, também, aqueles que entram nas Comunidades para brigar e provocar os

---

<sup>12</sup> Comunidade criada em 27/05/2004. Fonte: <http://www.orkut.com.br> (Acesso em 20/03/2007).

<sup>13</sup> Este tópico foi criado em 05/03/2005 e possui quase 200 scraps. Fonte: <http://www.orkut.com.br>. (Acesso em 02/02/2006).

alunos chamando-os de “burros, ignorantes, etc.” como, por exemplo, no seguinte *scrap*<sup>14</sup>:  
“*Vocês são um bando de derrotado (sic) ... perdedores... não conseguem pensar, não sabem ler e muito menos escrever... Cambada de recalçado... VOCÊS É que SÃO um LIXO... MEDÍOCRES... Bando de patricinha e mauricinho... Vão estudar e parar de ler Contigo e o Lance... RETARDADOS!!!!*”.

A esse respeito, ou seja, a essa tentativa de ameaça (e de “defesa” do professor) concordo com as palavras de ZUIN (2006, p. 3) ao afirmar que:

A gradual permuta das punições físicas pelas psicológicas nos ambientes escolares porta consigo uma ambigüidade, pois se, por um lado, a construção simbólica da punição contém em si um caráter progressista em relação à física que pode, em certas ocasiões, reverter na morte do agredido, por outro lado, a dificuldade de se identificar os vergões psicológicos não arrefece o seu poder, bem como os danos devastadores produzidos no processo educacional/formativo do aluno.

Há também no Orkut, por exemplo, uma outra Comunidade intitulada “Chega de aulas medíocres!”. Na “chamada”, aparece o desenho de um professor (velho, de barba e cabelos brancos) vestindo uma toga, e com um enorme “X” em cima da figura. Criada em 22 de maio de 2004, esta Comunidade traz, na página, o seguinte “convite”: “*Para todos aqueles que já cansaram de ir para aulas toscas, com professores toscos e não conseguem fazer nada a respeito! Alunos de todo o Brasil com sua educação chulé: Uni-vos!*”. Os diversos tópicos que aparecem, creio eu, despertam a curiosidade de qualquer educador que se preocupe com o seu fazer pedagógico, com a sua didática; enfim, interessa tentar compreender essas enunciações dos alunos – documentos produzidos para uma ampla circulação em escala massiva. Só o tópico “Qual a aula mais odiada?” já aponta para uma discussão interessante em torno das Disciplinas da área das Ciências Humanas, tendo em vista que, numa primeira análise, pode-se perceber o quanto as disciplinas e os professores dessa área de conhecimento são citados. Um aluno escreveu, por exemplo, que “*a Filosofia é a Ciência com a qual ou sem a qual, o mundo continua tal e qual...*”.

Acredito que os exemplos acima citados, bem como o conjunto de dados e as análises propostas no presente artigo, sejam de suma importância para que os educadores

---

<sup>14</sup> Este scrap foi escrito em 05/03/2005 no tópico intitulado “Aula mais odiada”. Este tópico foi criado em 24/03/2005 e possui 146 scraps. Fonte: <http://www.Orkut.com.br>. (Acesso em 03/02/2006).

reflitam – através do conhecimento dessas informações – sobre como operar com esses materiais que estão circulando neste tipo de mídia, o Orkut, que representa, por assim dizer, a linguagem das novas gerações. A esse respeito, sobre *o impacto das novas tecnologias*, Fischer (2006) acrescenta que o importante é:

sublinhar que todas essas mídias, do rádio à Internet e à televisão têm um caráter de onipresença, tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos, em cada lugar do mundo. Interessam-nos então, os materiais e os sujeitos produtores e usuários dessas mídias, aqui no Brasil; mais ainda, interessam-nos os modos de aprender os fatos da cultura, pelos mais jovens, modos que assumem particularidades quando vistos a partir do olhar de educadores, no cotidiano das violências escolares.

Ao iniciar minha pesquisa<sup>15</sup>, em outubro de 2006, dez Comunidades - particularmente, aquelas criadas no Orkut que mostravam de forma “negativa” os professores e a escola de maneira geral - constituíam a amostragem inicial. Passados cinco meses, novas Comunidades foram criadas, algumas aumentaram o número de participantes e outras diminuíram a quantidade de adeptos. Por exemplo, a Comunidade “Mato aula p/ não matar a prof.<sup>a</sup>”, que possuía 40.525<sup>16</sup> membros na época em que foi citada, hoje<sup>17</sup> conta com apenas 419 o número de participantes...

A esse respeito, creio que o fato de algumas destas Comunidades estarem diminuindo pode estar relacionado ao medo... Por parte dos alunos. Uma das principais conseqüências (lamentáveis) do uso indevido do Orkut é a ofensa à honra, gerando o dever de indenização. A exemplo disso, um estudante de Direito foi obrigado a retirar do ar o nome do Colégio São Paulo e a logomarca da instituição de ensino da Comunidade do Orkut chamada “Holden Caulfield”, a qual reunia ex-alunos do colégio de freiras.

---

<sup>15</sup> Conforme já explicitado na nota de rodapé número 1.

<sup>16</sup> Fonte: <http://www.orkut.com.br>. (Acesso em: 20/03/2007).

<sup>17</sup>Fonte: <http://www.orkut.com.br> Acesso em 13/03/2007 A Comunidade diminuiu. A chamada, porém, continua igual: “Se você tem um (a) professor (a) totalmente desequilibrado (a) ou que não consegue dar uma aula decente, não fala coisa com coisa e não acrescenta nada na sua vida! E por isso, às vezes, você tem vontade (sic!) de pular no pescoço dele (a). Então pode ter certeza de que todos aqui se identificam com você! Essa comunidade é uma homenagem a uma professora maluca!!!”.

Holden Caulfield é o nome do personagem do romance *O apanhador no campo de centeio*, de J.D. Sallinger. O estudante disse que “só queria reunir ex-colegas, mas algumas pessoas começaram a fazer ataques pessoais às freiras, aos professores e a criticar os métodos de ensino”<sup>18</sup>.

A esse respeito, é exemplar a “chamada” desta Comunidade “Eu odeio minha professora”: “*vc ja (sic)* <sup>19</sup> *odiou alguma professora? intaum entre nessa comunidade*<sup>20</sup> *e junte-se a nós... vamos todos odiar os professores e suas materias. OLHA, dependendo da usa professora, pode te processar, conselho nao colocar u nome dela e zua-la. mas aki vc pode xingar, mas depois, poderá ter ke arcar cum as consequencias”<sup>21</sup>.*

Assim, é de se questionar como as autoridades irão lidar com o que acontece no Orkut e como serão abordadas as questões jurídicas que o envolvem, quais sejam: crimes virtuais (os mais variados possíveis), coleta de provas em investigação criminal, violação do direito fundamental de privacidade, excesso no exercício da liberdade de expressão, etc. Mais: Talvez o simples fato de que não se pode saber se uma pessoa que está se manifestando na rede é ela mesma, revele a fragilidade e insubsistência de uma prova extraída do Orkut<sup>22</sup>. Desta maneira, é fácil perceber que existem diversos questionamentos a serem respondidos antes de se cogitar a possibilidade de utilização do Orkut como meio de prova na investigação criminal<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup>Fonte: <http://conjur.estadao.com.br/static/text/31280,1>. Acesso em 13/03/2007.

<sup>19</sup> Os scraps serão transcritos na íntegra ao longo da pesquisa; assim os erros de Português não serão corrigidos.

<sup>20</sup> Texto retirado da Comunidade “Eu odeio minha Professora”, que possui 1.261 membros. Fonte: <http://www.orkut.com.br> (Acesso em: 09/08/2006).

<sup>21</sup> Todas as transcrições e citações do Orkut (bem como os scraps postados) virão, doravante, em itálico e entre aspas.

<sup>22</sup> Além disso, “civilmente, há uma polêmica. Na lei civil, o critério não “é mais a nacionalidade do autor, e sim o local de origem do fato. Ademais, ainda não há regulamentação para a hipótese de aplicação da lei brasileira fora do Brasil.” Fonte: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7631>. Acesso em: 13/03/2007.

<sup>23</sup> Em OPINIÃO DO ADVOGADO, “O Orkut e a prova no processo penal”. Acesso em: 13/03/2007

Diante disso, penso que debater questões sobre o Orkut configura-se hoje como uma tarefa relevante, e talvez inadiável, no cotidiano dos professores. É bem provável que o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias não tenha tido o tempo necessário para a sociedade (ou melhor, parte dela) adaptar-se às novas possibilidades de interação com o mundo, por exemplo, que a internet oportuniza. Conforme Gómez (2006, p. 97):

Os docentes manifestam um temor profundo de serem substituídos pelas novas tecnologias de informação colocadas a serviço de objetivos de aprendizagem. E as instituições educativas acabam por não compreender a magnitude da mudança, e insistem teimosamente em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Não é equipar de máquinas as escolas a única alternativa para abreviar o desafio, como insistiram muitos ministérios de educação latino-americanos. Na verdade, debater e repensar os motivos da educação e da comunicação em uma grande mudança de época como a atual é o que necessitamos continuar fazendo.

### *Algumas Ilações*

Sem a pretensão utópica de concluir ou encerrar o debate a respeito do que foi exposto até aqui, creio que o impacto das transformações de nosso tempo obriga a nós, educadores, a repensarmos a escola e sua temporalidade. O próprio nome da Comunidade que deu origem a este artigo – TOMARA QUE O PROFESSOR FALTE! - revela-se como uma espécie de “grito de alerta” para que no meio das discussões surjam idéias proficuas a respeito das novas tecnologias, no caso, das Comunidades do Orkut que rechaçam os professores e a escola de hoje. Assim, é preciso conscientizar-se de que os recursos que a tecnologia oferece – bem como o modo como ela se institucionaliza - não podem se tornar mais uma ferramenta ou uma técnica a serviço de um abismo entre professor e aluno.

Neste sentido, vejo que, como educadores precisamos, sim, ser propositivos e procurar um caminho para além das denúncias e da revolta ao nos depararmos com o fato de que “Parece não haver limites para a exposição da catarse regressiva dos alunos por meio do Orkut”. (Zuin, 2006, p. 14). A pergunta "o que fazer diante a existência dessas Comunidades citadas ao longo do trabalho?" deve, sim, em minha opinião, tentar ser

---

respondida, pois como profissionais precisamos de sugestões e idéias práticas. Pensemos, por analogia, numa simples receita de bolo. Cada um irá recriar a receita anterior produzindo alguma coisa nova. Assim, cada texto, cada sugestão prática para se trabalhar em sala de aula (com o Orkut) constitui uma proposta de significação que não está inteiramente construída. A significação se dá no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário. Este exemplo é para mostrar que cada produção humana dialoga necessariamente com as outras.

Em meus anos de prática em sala de aula, sempre procurei incentivar meus alunos a falar em público, mesmo sendo esse público restrito; ou seja, falar para os colegas, desenvolver/expor algum tema diante da turma. Pois bem, nos últimos anos, quando iniciava uma conversa com eles sobre a referida atividade, mencionava as Comunidades do Orkut “Odeio falar em público”; “Vergonha de falar em público”; “Tenho medo de falar em público<sup>24</sup>” e outras similares. Dizia aos alunos que eu tinha conhecimento de tópicos nessas Comunidades que davam, inclusive, “dicas” para perder a timidez: Tomar remédio, beber antes das apresentações, etc. Enfim, demonstrar aos alunos que eu tinha conhecimento de seus medos, de certa forma, aproximava-me deles, deixando-os mais à vontade para expor seus receios de falar em público.

Por fim, longe da pretensão de oferecer “receitas” e descartando qualquer ingenuidade de se imaginar uma relação perfeita entre mestres e educandos, finalizo este trabalho convidando os educadores a (re)pensar o seu fazer pedagógico... E na esperança da possibilidade de que nossos alunos não sejam estimulados a escrever (infelizmente, muitas vezes com uma certa razão), versos como este, postado na maior Comunidade na Categoria *Alunos e Escola* do Orkut, “Galera do Fundão”<sup>25</sup>, com o aval de 802.890 membros...

“Oração da Comunidade”:

---

Fonte: <http://www.oabpr.org.br/op20.asp>

<sup>24</sup> Fonte: <http://www.orkut.com/UniversalSearch.aspx?searchFor=C&q=falar>. Acesso em: 30/03/2007.

<sup>25</sup> Criada em 4 de dezembro de 2004, “Galera do Fundão”, traz a seguinte “chamada”: “Se você é dakeles que sentam no fundão da sala, seja para dormir, conversar ou simplismente para colar, essa é a sua comunidade”.

Fonte: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=871455>

*Pai Nosso Que Estais No Céu*

*Aumentai As Nossas Férias*

*Diminua As Nossas Aulas*

*Perdoai Nossas Colas*

*Assim Como Nós Perdoamos*

*A Existência Dos Nossos Professores*

*Não Nos Deixe Cair Em Recuperação*

*Mas Livrai-nos Da Reprovação*

*Amém*

### *Referências*

BAUMANN, Zygmunt. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Educação – FAGED/UFRGS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas*. Disponível em: [http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos\\_encomendados/GT04/2006%20Trabalho%20Encomendado%20GT%20Did%C3%A1tica%20ANPED.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT04/2006%20Trabalho%20Encomendado%20GT%20Did%C3%A1tica%20ANPED.pdf), 2006.

Acesso em: 20/3/2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2000.

GIROUX, Henry A. *Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação*. In: *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

GÓMES, Guillermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: *Sociedade Midiatizada*. MORAES, Dênis (org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAES, Denis de. *Sociedade Midiatizada*. MORAES, Denis (org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: *Novas tecnologias – educação e sociedade na era da informação*. SILVA, Mozart Linhares da. (org). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVEIRA, Rosa M. H.: Identidades para serem exibidas – breve ensaio sobre o Orkut SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (Orgs.). *Educação e cultura contemporânea - articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas, Ed. da Ulbra, 2006.

ZUIN, Antônio Á. Adoro odiar meu professor: O Orkut, os alunos e a imagem dos mestres, 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-1670--Int.pdf>. (Acesso em: 10/3/2007).